

Fake News nas Bibliotecas

Por Eugenio Bucci



A expressão “fake news” (notícia fraudulenta¹) continua na moda. Desde 2016, quando uma rede de hackers e conspiradores internacionais utilizaram máquinas que falsificaram e disseminaram informações para eleger Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, a apreensão sobre o assunto tem crescido e sido tema de estudos e debates especializados. No Brasil o tema também tem causado preocupação. Já era tempo. Aqui, as eleições de outubro foram influenciadas grandemente pelas informações que circulam nas redes sociais, sejam elas verídicas ou não. O problema não é restrito à política – assim como não é restrito ao jornalismo. O flagelo das notícias fraudulentas alcança todo o fluxo de informação na sociedade contemporânea. Deve ser, portanto, um tema do interesse mais alto de todos os bibliotecários.

Por isso, foi uma alegria para mim, participar, a convite de Hugo Oliveira, de uma roda de conversa no estande do CRB, na tarde de 11 de agosto, um domingo, na Bienal do Livro, em São Paulo. O papo rendeu. Foi para mim uma experiência motivadora e gratificante – apesar da gravidade da questão sobre a qual estávamos falando.

Não se trata de uma simples questão de calúnia ou maldade. As fake news afetam processos decisórios nas democracias de diversos países. Além do caso americano, que continua sendo investigado, há indícios sólidos de que a decisão do Brexit, que afasta o Reino Unido da zona do Euro, também tenha sido influenciada por notícias fraudulentas que circulam nas redes sociais.

As redes sociais têm o seu lado positivo, é claro. Foram fundamentais na Primavera Árabe e nas manifestações de 2013 no Brasil. O problema é a

¹ A expressão “fake news”, em inglês, costuma ser traduzida como “notícia falsa” ou “notícias falsas”. Na tradução sugerida pelo professor Carlos Eduardo Lins da Silva, adotada aqui, é “notícias fraudulentas”. O sentido do adjetivo “fake”, em inglês, envolve intenção do agente de enganar o interlocutor, o público ou o destinatário. O adjetivo “falsa”, em português, não implica esse dolo, essa intenção maliciosa. Desse modo, a expressão “notícias falsas” é fraca para traduzir o sentido da expressão “fake news”.

sua conformação nos moldes de uma indústria do imaginário global e monopolista, com poder ilimitado. O Facebook tem atualmente cerca de 2 bilhões de perfis ativos no mundo. Em comparação com a carteira de assinantes de um jornal brasileiro o Facebook tem aproximadamente 10 mil vezes mais “leitores” do que um grande diário de qualidade no país.

Combater as Fake News exige de professores e bibliotecários uma postura crítica em relação as redes sociais e, principalmente, em relação às plataformas sociais, como é o caso do Facebook (as plataformas são a infraestrutura industrial, monopolista, que abriga e se apropria dos fluxos formados pelas redes sociais, criadas pelas pessoas que usam essas plataformas.) Além disso, professores e bibliotecários devem compreender e ensinar o valor da imprensa de qualidade, uma instituição essencial na democracia. É preciso entender que, na imprensa, a verdade está sempre em processo – o que não é ruim, não é um defeito, é apenas natural. A verdade está menos no que a imprensa diz e muito mais nas perguntas que ela cobra do poder. A imprensa é menos uma fonte da verdade e mais um desejo de verdade. A imprensa, instituição movida pelo exercício do jornalismo profissional, erra muitas vezes, como bem sabemos. Mas, aí, o erro terá de ser corrigido, mais cedo ou mais tarde. Como verdade me processo, a imprensa se reescreve a cada minuto, mas ela tem autoria, tem endereço, tem responsabilidade.

Com as fake news, nas redes, a informação se falsifica de relato jornalístico, mas não tem origem, não tem autoria certa e não tem endereço. Portanto, não tem responsabilidade. A informação política que circula nas redes não precisa prestar contas aos fatos. No mais das vezes, presta-se apenas a reafirmar preconceitos e promover a reafirmação narcísica das multidões homogêneas. Outro traço distintivo das fake news é que elas sempre carregam uma intenção oculta de ludibriar as audiências e de induzi-las a tomar decisões sem fundamento factual.

A atenção dos bibliotecários e dos professores para reduzir os danos causados pelas fake news é imprescindível. Precisamos nos educar, como sociedade, se queremos que a nossa democracia sobreviva a esse grande mal. Fiquemos alertas.

Quem redistribui as calúnias e as infâmias que circulam por aí são pessoas comuns e desavisadas, que trabalham de graça para que alguém, na surdina, ganhe dinheiro ou poder. Não basta checar as origens das mensagens, embora isso ajude. Não basta conferir se elas foram produzidas por órgãos de imprensa conhecidos e responsáveis. Mais do que isso, é preciso verificar os impulsos que nos levam, a cada um de nós, a propagar histórias que não sabemos de onde vêm.

Será que buscamos apenas compartilhar implicações pessoais que mal admitimos em nós mesmos? Será que queremos parecer bem informados e engraçadinhos aos olhos dos nossos amigos virtuais? O que buscamos com o compartilhamento irresponsável desses conteúdos?

Não devemos redistribuir nada de forma indiscriminada, nem trabalhar de graça para os falsificadores anônimos. Fiquemos realmente alertas. Não sigamos de modo irrefletido os nossos próprios sentimentos de ódio, de intolerância, de inveja. Não nos deixemos mover por nossas carências afetivas. Debata isso com nossos alunos e com os frequentadores das nossas bibliotecas. A verdade factual precisa de proteção e, sem ela, a política na democracia perde todos os alicerces.

Saiba mais sobre Eugênio Bucci:

Professor Titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Membro do Conselho Científico-Cultural do Instituto de Estudos Avançados da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Escreve quinzenalmente na página 2 do jornal "O Estado de S. Paulo". É membro do Conselho Consultivo da Fundação OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo). Integra o Conselho Consultivo da Aberje (Associação Brasileira de Comunicação Empresarial) e o Conselho Consultivo do Instituto Palavra Aberta.

não sabe é que uma boa história também pode ajudar a aliviar diversos problemas como a depressão, ansiedade, stress, entre outros.

Você já ouviu falar em biblioterapia? O conceito é bem novo no Brasil, mas a biblioterapia existe desde a Antiguidade e vem sendo estudada pelo menos desde meados do século 20. A palavra foi retirada do Grego Antigo (biblión: livro e therapeía: terapia) e significa "curar por meio dos livros".

Durante a Bienal Internacional do Livro, o estande do CRB-8 recebeu as bibliotecárias Emília da Conceição Camargo e Priscila Ramos Barbosa de Andrade que ministraram as seguintes atividades: "Biblioterapia: Interculturalidade" e "Biblioterapia com Professores".



Foto: Valetina Manfredi

Atividade: "Biblioterapia: Interculturalidade"

Ao invés de remédios, livros. O que é a Biblioterapia?

Entrevista com:
Priscila Andrade

Imagine sair de um consultório e ir à biblioteca buscar "remédios". Na prescrição doses de Machado de Assis, gotas de João Guimarães Rosa, Eça de Queirós, José Saramago ou tantos outros mestres da literatura.

Sabemos que a literatura estimula a memória, a compreensão e a escrita. Mas o que muita gente



Foto: Valetina Manfredi

Atividade: "Biblioterapia com Professores"